

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL DO FUTURO INGRESSANTE UNIVERSITÁRIO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Lirani Firmo da Costa Souza¹

Mayara Cristina da Silva Lima²

Hedwe Matheus de Sousa Firmo³

Sandra Patrícia Lamenha Peixoto⁴

Psicologia



**cadernos de
graduação**
ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Sendo a Orientação Profissional (OP) um processo que visa auxiliar os sujeitos com dúvidas relacionadas à carreira profissional e avaliar características pessoais com vistas a realizar escolhas profissionais e a adolescência ser um período do desenvolvimento humano caracterizado por inúmeras mudanças físicas, psicológicas, sociais, nas relações familiares, com os amigos e na escola; a escolha profissional nessa faixa etária pressupõe então o surgimento de ansiedades, conflitos e angústias inerentes a esse processo. O processo de OP pode e deve contribuir de forma benéfica para dirimir as possíveis dúvidas e questionamentos inerentes à escolha profissional. Portanto, a OP é uma ferramenta importante que pode corroborar para a construção de uma identidade profissional coesa, com metas e compromissos de papel os mais claros possível.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia. Orientação Profissional. Universitário.

ABSTRACT

Being the Professional Orientation (OP) a process that aims to help the subjects with doubts related to the professional career and to evaluate personal characteristics with a view to making professional choices and adolescence being a period of human development characterized by innumerable physical, psychological, and social changes in the family relationships, with friends and at school; the professional choice in this age group presupposes the emergence of anxieties, conflicts and anxieties inherent in this process. The PB process can and should contribute in a beneficial way to solve the possible doubts and questions inherent in the professional choice. Therefore, the OP is an important tool that can corroborate for the construction of a cohesive professional identity, with goals and clear paper commitments as possible.

KEYWORDS

Psychology. Professional Orientation. University.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo trata da relevância da Orientação Profissional (OP) para o aluno universitário que ainda se encontra em processo de descoberta em que curso mais se identifica que para tanto não resultará em frustrações profissionais.

De acordo com Pinto e Castanho (2012, p.395), o oferecimento da OP aos universitários tem-lhes dado a oportunidade de vivenciar uma intervenção constituinte e determinante do processo de superação de dificuldades ligadas à dúvida sobre a escolha profissional, bem como da consolidação de perspectivas, na vivência das exigências da vida acadêmica no Ensino Superior.

A realidade social, em contínuas transformações, traz consequências a todos os seus segmentos, inclusive no mundo do trabalho, que para tanto a OP é o aparato mais adequado para que o recém universitário aproveite melhor a sua formação.

Assim, Barreto e Aiello-Vaisberg (2007, p. 107) afirmam que, o trabalho é um fenômeno intrinsecamente dotado de grande complexidade. Considerado como conduta humana, vem acompanhando as notáveis mudanças da vida contemporânea e, conseqüentemente, vem sofrendo profundas modificações ao longo do último século.

Desta forma, como o ritmo da realidade do trabalho vem se modificando, é necessário que os jovens tenham as melhores orientações antes de entrar para a universidade, para que possam aproveitar sua formação da melhor forma e ter um bom desempenho no ambiente de trabalho.

Segundo Marques (2007), em sua investigação no campo da OP, o avanço da tecnologia, a flexibilização do trabalho e a globalização da economia são alguns dos fatores a serem considerados no processo de escolha profissional e de permanência

nos cursos de formação, assim como na constituição da subjetividade dos jovens estudantes universitários.

Desta forma, é de extrema importância a escolha do curso para os universitários e a Psicologia é área de atuação específica para aplicação da OP, pois além de identificar, possui a possibilidade de acompanhar o processo da escolha do universitário.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL (OP)

A orientação profissional teve início quando se instalou na sociedade o modelo de produção capitalista. Que antes desde modelo sua ocupação era determinada pelos laços de sangue, cuja ocupação vinha do berço. Cujas descendência seria que seus filhos e netos; enquanto que os senhores seriam sempre senhores. No capitalismo o indivíduo liberta-se dos laços de sangue. Ele agora precisa lutar e vencer sua força de trabalho para sobreviver, de acordo com a ideia capitalista que nos faz crer (BOCK, 2001).

A ideia que o indivíduo escolhe sua ocupação ou profissão a partir das condições sociais em que vive e em função de suas habilidades, aptidões, interesses e dons (vocação) não é uma ideia que sempre existiu. É algo que teve início quando se instalou na sociedade o modelo de produção capitalista. No capitalismo, o indivíduo liberta-se dos laços de sangue. Agora, ele precisa vender sua força de trabalho para sobreviver. E, então, é nesse momento que a escolha da profissão se coloca como questão. Se tudo está nas mãos do indivíduo, o momento de sua escolha profissional torna-se de suma importância (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 314).

Não esquecendo que, conforme os testes psicológicos foram se popularizando, *Persons* passou a utilizá-los para definir as características pessoais do orientando: interesses, personalidades, aptidões e até a inteligência, estes foram os princípios comuns que nortearam o processo (SPARTA, 2003; SPARTA; BARDAGI; TEIXEIRA, 2006). Assim, o desenvolvimento da OP ocorreu de forma brusca e repentina, apoiado no desenvolvimento das ciências humanas, especialmente de Psicologia, ciência que lhe conferiu posição e instrumentos para sua prática (FOLMER-JOHNSON, 2000).

Conseqüentemente, no início a OP era um processo fortemente diretivo, onde o orientador tinha como objetivos fazer diagnósticos e prognósticos do avaliando e, com base nesses procedimentos, indicar ao mesmo profissões ou ocupações apropriadas (SPARTA, 2003). Todavia, no início da década de 1960, a partir da segunda década do século XX houve uma grande mudança de paradigma, pois a metodologia de diagnosticar e aconselhar, utilizando como instrumentos os testes psicológicos, estava sendo substituída pelo auxílio ao autoconhecimento, influência de Carl Rogers nos Estados Unidos e à focalização de aspectos inconscientes e psicodinâmicos, influência de Sigmund Freud na Europa (ABADE, 2005).

Ainda segundo BOCK (2001), o filho do operário não será obrigatoriamente operário, pôde até ser doutor desde que se esforce trabalhe e lute. Tudo depende dele e o seu destino está em suas mãos, pois assim afirma a ideologia capitalista. Como tudo está nas mãos do indivíduo, pois este é um momento de sua escolha profissional que se torna de suma importância.

Será a escolha da orientação de uma profissão a escolha mais importante que um indivíduo faz em sua vida? Sem dúvida o momento da escolha profissional é importante para o jovem, pois é um momento de escolha de um futuro profissional que ocupará a maior parte do tempo de sua vida. A escolha de uma profissão é resultado da combinação de uma série de fatores para a construção de um futuro.

É de bom alvitre ressaltar que a escolha de uma profissão não é nada fácil, pois existem influências sociais componentes pessoais e limites ou possibilidades que entram nesse jogo. O importante é que o indivíduo tenha mais compreensão e conhecimento desses fatores, o que mais facilitará para ter controle sobre sua escolha.

As dificuldades da escolha profissional aparecem, normalmente, na adolescência momento considerado de desestruturação e reestruturação da personalidade. O adolescente já está preparado para entender a fundo as transformações dessa fase e deve procurar conhecê-las, para poder lidar bem com todas as mudanças que podem ocorrer consigo e com as responsabilidades que gradualmente assumem. (CASTANHO, 1988, p. 7).

Segundo Bock (2001) os fatores que influenciam diretamente na escolha profissional podem destacar a característica da profissão, mercado de trabalho, importância social, remuneração e habilidades necessárias para o desempenho. Entendemos como mercado de trabalho a vender e a comprar da força do trabalho.

Em relação à importância social e remuneração, todos nós queremos trabalhar em uma profissão que tenha importância social e que seja bem remunerada, que nos garanta pelo menos uma remuneração a fim de termos um bom padrão de vida. Com relação às habilidades necessárias para o desempenho a escolaridade, é sem dúvida, em nossa sociedade, um dos fatores mais valorizados e tem sido exigida como requisito mesmo de ocupação considerados simples.

De acordo com Bock (2001), dois problemas básicos para se chegar à profissão, é a escolarização o vestibular e os custos da formação. Em nossa sociedade, é sabido que o fator econômico pesa mais do que o esforço individual. Por exemplo, o aluno proveniente das classes mais altas da sociedade tem maiores chances, pois dispõe de tempo para dedicar aos seus estudos e não trabalham. Enquanto que o aluno proveniente de classe baixa não dispõe dessas regalias.

Conforme ainda a mesma autora, hoje em nosso país qualquer tipo de formação é sem sombra de dúvida quase artigo de luxo. Pois manter-se na escola, na faculdade ou em cursos técnicos profissionalizantes é algo bastante caro. Que faz com que nós possamos assistir aos filhos das classes mais altas podendo completar os seus cursos (BOCK, 2001, p. 45).

Segundo Bohoslavsky (2007), é de dois grupos principais que partem pressões para que o indivíduo se referencie quando escolhe qualquer coisa, inclusive sua profissão. E dentre esses grupos ele acha que o que mais aponta para uma referência po-

sitiva é o grupo de amigos; enquanto para ele o grupo familiar pode eventualmente, fornece referência que o indivíduo possa rejeitar com sua escolha.

A orientação profissional ajuda o jovem no sentido de prover reflexão, isto é, não tem como objetivo oferecer respostas ao adolescente, mas sim auxiliá-lo no processo da escolha profissional. A orientação profissional não influencia na escolha da profissão que ele deve seguir.

De acordo com Bock (2001), enquanto os animais, os insetos e os pássaros têm uma vocação para construir, o homem não tem esse tipo de vocação. A ideia de vocação, no entanto, resiste em nossa sociedade. Os jovens procuram descobrir suas vocações e os cientistas (principalmente psicólogos) criam técnicas para descobri-las.

O momento da escolha é um momento psicológico seu, impessoal às influências externas, condições de pessoas significativas e dos meios de comunicações à valorização de outras exigências escolares que cada profissão apresenta, as pressões de seus grupos de amigos e familiares. Enfim, numa grande síntese, resulta na sua escolha. Conforme Castanho (1987), é comum que o jovem sinta-se pressionado quando fatores externos interferem em sua decisão, causando insegurança e angústia.

De acordo com Sparta, Badargi e Teixeira (2006), o mundo do trabalho e da formação profissional mudaram, conseqüentemente os indivíduos e suas necessidades também não são mais os mesmos. Isso acabou repercutindo na necessidade dos profissionais que trabalham com OP analisarem as variáveis atualmente relevantes para a escolha profissional e para o desenvolvimento da carreira, a fim de que possam aperfeiçoar a eficácia desse tipo de intervenção.

Além disso, é por volta dos 17-18 anos que milhares de jovens, todos os anos, se veem na iminência de fazer uma escolha profissional e ingressar no ensino superior e em cursos profissionalizantes, tendo em vista existir uma demanda pela qualificação no mercado de trabalho, pela necessidade da subsistência e para manter ou melhorar suas condições sociais (BASSO, 2008). Provavelmente esse fenômeno é mais comum na adolescência por ser um período do desenvolvimento humano que é marcado pela busca de uma identidade, onde a OP pode ser decisiva, em um cenário de incertezas do ponto de vista do mercado de trabalho brasileiro.

3 TESTES PSICOLOGICOS

O profissional que trabalha com avaliação psicológica e mais especificamente com testes psicológicos, deve apresentar determinadas competências para o exercício adequado na área. Engana-se quem pensa que na avaliação psicológica não há regras de conduta profissional, competências exigidas para todos os profissionais no exercício da área e a citação em seguida evidencia isso, citando 12 competências propostas pela Comissão de Testes do Colégio de Psicólogos:

As 12 competências propostas pelo COP (2002), consideradas como pré-requisitos mínimos na prática profissional, são:

evitar erros ao formular os resultados que são produtos do processo de avaliação; não rotular as pessoas com termos específicos; assegurar segurança do material utilizado no processo (sigilo profissional); fornece instruções necessárias ao avaliado; garantir condições ótimas dos procedimentos; evitar que o avaliado seja treinado nos testes e técnicas utilizadas; fornece devolutiva para o avaliado em sessão adequada; não fazer cópias do material que será utilizado; evitar o uso de material não oficial que podem comprometer a padronização dos procedimentos; estabelecer boa relação com avaliados; não responder dúvidas passando informações além do necessário; e, considerar as idiossincrasias do avaliado. (NORONHA, 2010, p. 142).

Segundo Noronha (2010), a competência na avaliação, a responsabilidade no uso de instrumentos e técnicas de avaliação, a comunicação dos resultados do processo de avaliação e a segurança do material utilizado na avaliação; toda a atuação do profissional de psicologia deve estar voltada para o seguimento dos padrões de conduta estabelecidos pelos conselhos de classe competentes. O profissional de psicologia deve ser capacitado para avaliação, conhecendo os testes utilizados e os conceitos envolvidos.

O profissional deve ser responsável na utilização dos instrumentos utilizados na avaliação, assim como responsabilizado por qualquer eventual dano ocasionado pela utilização desses instrumentos avaliativos. Deve sempre haver a comunicação dos resultados obtidos com a avaliação para o indivíduo avaliado. Fica a cargo do profissional o zelo e a segurança do material utilizado na avaliação e se houver algum desvio desse material que comprometa o sigilo desse material esse profissional deve ser responsabilizado como citado no código de ética profissional dos psicólogos.

Ainda conforme Noronha (2010), a avaliação psicológica está dentro de todas as áreas de atuação profissional do psicólogo e o profissional necessita da utilização da ética durante todo o procedimento, pois se não o tiver perderá sua credibilidade enquanto profissional e seu trabalho ficará comprometido. A utilização da ética na avaliação psicológica necessita de avaliação constante por parte das autoridades competentes, como exemplo os conselhos regionais e federais.

A ética promove uma reflexão que deve ser constante e não somente ficar a cargo dos cursos de formação profissional, essa reflexão deve estar presente durante toda atuação do profissional de psicologia com frequentes atualizações. A discussão promovida pela ética deve ser ampliada e a demonstração de sua utilidade na avaliação psicológica deve ser considerada perante toda a sociedade. “[...] Há que se destacar o papel da ética, que proporciona um infundável processo de reflexão sobre as próprias práticas, para que estas revertam em benefício do indivíduo avaliado e da sociedade (NUNES, 2012, p. 309).

Uma pesquisa realizada por Noronha e Reppold (2010) evidencia que as infrações éticas, ou seja, os erros cometidos pelos profissionais de psicologia em sua conduta, en-

quanto profissional mais frequente, se refere a erros cometidos na área de avaliação psicológica, o que demonstra a necessidade de uma melhor qualificação a esse respeito.

[...] As infrações éticas mais comumente cometidas pelos psicólogos inscritos no Conselho Regional de Psicologia 08 no período de 1994 a 2003 revelou que as denunciadas com maior frequência (46,15%) se referem ao exercício da avaliação psicológica. Os motivos alegados nas denúncias envolvem principalmente as falhas quanto ao uso dos testes aplicados e à elaboração dos relatórios psicológicos. (FRIZZO apud NORONHA; REPPOLD, 2012, p. 198).

Isso, segundo Noronha e Reppold (2010), demonstra que o uso de testes por esses profissionais não está unificado, nem todos profissionais estão qualificados para a utilização de certos testes e por falta de qualificação cometem equívocos que podem resultar em graves danos aos indivíduos avaliados.

Já a respeito de relatórios psicológicos também falta uma padronização, fazendo com que o profissional se utilize de termos que não pertencem a profissão e assim ou não seja compreendido ou cometa severos erros que podem comprometer a seriedade de seu trabalho, podendo até resultar em graves danos aos envolvidos nesse relatório.

Segundo Eyde, Moreland e Robertson, (1988) citado por Noronha (2010, p. 140), o papel dos psicólogos na realização das avaliações é entender o desafio ou a questão a ser respondida; entender o contexto e as pessoas envolvidas; entender o fluxo das informações; refletir sobre os problemas éticos subjacentes e revisar o construto e os instrumentais.

Ou seja, o papel do psicólogo em suas avaliações psicológicas enquanto profissional seria entender o que se passa na vida do indivíduo avaliado, recebendo essas informações sem pré-julgamentos e analisar os problemas éticos que podem interferir nessa avaliação com uma visão imparcial, porém deve sempre revisar sua prática enquanto profissional e se qualificar constantemente.

4 TESTE QUATI

Segundo Zacharias (2003), o Quati em sua apresentação mostra que o seu objetivo é mostrar a identificação de um modo geral, o que existe de comum entre algumas pessoas e suas diferenças. O teste Quati é baseado na teoria da tipologia junguiana, mas Jung não partiu das tipologias já existentes para construir a sua, o mesmo baseou-se em sua própria experiência clínica e pessoal, além de integrá-la diretamente com a estrutura de personalidade que havia postulado. Porém, o que não é pretensão da tipologia de Jung é mostrar o indivíduo por completo. Ele também adverte que qualquer descrição de um tipo, mesmo a mais completa possível, nunca será fiel, embora seja aplicável a muita gente.

Para Zacharias (2003), quem se utiliza de testes ou questionários baseados na tipologia junguiana tem que ter a compreensão constante, que como qualquer ins-

trumento psicológico, sua precisão não é absoluta e que ele é um instrumento investigativo que fornecerá elementos para análise, juntamente com outros dados que forem levantados. Para se utilizar de testes de tipologia junguiana é necessário conhecer a teoria de personalidade de Jung.

Portanto, o uso prático da psicologia em muito contribui não só para o uso em clínica e psicoterapia, mas também na seleção de profissionais na organização de grupos de trabalho, na avaliação profissional para auxiliar na detecção e solução de conflitos nas organizações para treinamento empresarial de ensino-aprendizagem, para a orientação de professores e pais e para orientação vocacional e aconselhamento familiar.

Ainda segundo Zacharias (2003), o questionário de Avaliação Tipológica (QUATI) foi desenvolvido no Brasil, o qual encontra-se inserido no bojo de várias pesquisas desenvolvidas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, podendo este questionário ser utilizado com o sujeito a partir da oitava série do primeiro grau. Para melhor se entender os resultados obtidos com este Questionário de Avaliação Tipológica é necessário ter uma compreensão da obra complementar Tipos Psicológicos Junguianos e Escolha Profissional.

Esse questionário tem a pretensão de avaliar a personalidade por meio das escolhas situacionais que cada sujeito faz. E os resultados serão fornecidos em um conjunto de três códigos que definirão a atitude consciente e as funções mais e menos desenvolvidas (ou inconscientes). Desta forma, a resolução quantitativa das letras-código, podemos dizer que quanto mais baixo for o valor atribuído a uma atitude ou função, maior será a identificação da pessoa avaliada, indicando maturidade e conflito entre dois modos opostos de ser, perceber, ou agir no mundo.

5 TESTE EMEP

Conforme Neiva (2014), a primeira versão do EMEP surgiu no ano de 1994; foi feita em francês e aplicada em uma amostra pequena de alunos no Liceu Franco-Mexicano (antes e após em um grupo de OP). A segunda versão foi construída em espanhol no ano de 1995, onde a escala passou a ser do tipo likert, com 45 itens. A terceira e atual versão do EMEP foi construída no ano de 1996 em português, essa versão foi aplicada como amostra com 1176 alunos do ensino médio em São Paulo, e tem 45 itens, divididos em cinco escalas e subescalas tais como: Determinação, Responsabilidade, Independência, Autoconhecimento e Conhecimento da Realidade Educativa e Socioprofissional.

Ele é aplicado individual ou coletivamente, porém não existe limite de duração para a realização do teste, geralmente são necessários de 15 a 30 minutos de duração.

De acordo com Neiva (2014), o EMEP pode ser aplicado nas áreas: Psicologia clínica, Psicologia escolar e Orientação profissional, o público alvo são os indivíduos que estão cursando o ensino fundamental, primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio ou por pessoas que já concluíram os estudos e por quem está escolhendo uma futura profissão, ou por alunos universitários em reorientação, avaliando a maturidade do indivíduo para ajudar na escolha profissional e constatar quais aspectos que melhor completa mais ou que são menos evoluídos.

Neiva (apud SUPER; CRITES, 2014), fez um primeiro modelo de teste de maturidade profissional e suas ideias foram evoluídas por outros autores, que desenvolveram um teste para a medida da maturidade profissional.

Segundo Neiva (2014) os materiais de aplicação do EMEP são compostos por: instrumento de pesquisa, material, folha de teste; crivo de avaliação; folha de relatório dos resultados. É utilizado para fazer o teste em indivíduo, cursando entre a primeira e a terceira série do ensino médio, também a sujeitos que já concluíram o ensino médio e que estão escolhendo sua futura profissão ou ocupação.

O procedimento da aplicação é distribuir a folha de teste; solicitar preenchimento dos dados de identificação; solicitar que não se escreva no quadro de resultados; ler devagar as instruções; reforçar; usar um "X" para indicar a resposta; que não existe tempo delimitado; deve-se verificar se o sujeito respondeu todos os itens; o teste será invalidado e conseqüentemente reaplicado, se o sujeito não respondeu cinco ou mais itens; se o sujeito deu respostas duplas a cinco ou mais itens.

Ainda conforme Neiva (2014), no caso de se deixar em branco ou de respostas duplas no máximo quatro itens, deve-se atribuir a estes o valor de resposta "3", que corresponde ao valor intermediário; depois, segue-se o preenchimento da coluna de pontos. A conversão dos valores de respostas dados aos itens negativos; transcrever os valores de respostas dados aos itens positivos; calcular a pontuação bruta de cada sub-escala e da escala total; conversão de cada pontuação bruta a pontuação percentil; e a classificação da pontuação percentil.

A classificação de sub-escala total já dá os primeiros dados para a interpretação. Para formular a interpretação deve-se medir cada sub-escala: o desenvolvimento alcançado pelo indivíduo até o momento de aplicação da escala e os aspectos que necessita do desenvolvimento.

O procedimento de interpretação do EMEP é aplicado dentro do processo de orientação profissional, o resultado deve ser interpretado junto com os dados coletados na primeira entrevista sobre a história e forma de como ele está processando a sua escolha profissional.

6 METODOLOGIA

De acordo com a revisão bibliográfica feita, podemos perceber que o processo de Orientação Profissional (OP) para a escolha do curso do universitário em sua escolha profissional, é realizado pelo psicólogo em quatro sessões nos quais são utilizados métodos e técnicas como a entrevista psicológica, a observação individual e os testes psicológicos que para tanto busca-se auferir traços e aspectos psicológicos, tais como traços de personalidade e sessão final para apresentar os resultados.

A entrevista Inicial é o momento da coleta de dados pessoais e familiares úteis ao processo assim como informações sobre a demanda. A segunda sessão é a aplicação de dois testes psicológicos: Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP) e o Questionário de Avaliação Tipológica (QUATI). Na terceira seção, a aplicação da técnica de autorrelato e no quarto momento os resultados da OP, encerrando assim, o procedimento.

De acordo com o presente estudo, podemos perceber que o processo da melhor escolha profissional é seguido da orientação profissional, que para tanto passa pela avaliação psicológica da atuação do psicólogo, senso esse elaborado e fundamentado por meio de instrumentos.

Pode-se perceber, segundo a revisão bibliográfica aqui realizada que os jovens em sua escolha de curso para ingressar na universidade, no intuito de se sair bem em sua escolha profissional apresenta-se indeciso no primeiro contato, mas demonstra certo interesse em empenhar-se nas atividades propostas e contribuir com informações que possam enriquecer o processo.

Para J. C., a escolha foi feita pela dificuldade que tem em encontrar um curso de graduação que encaixe com seu perfil e influência de sua família, visto que seu tio já tem formação em Engenharia Biomédica, o curso ao qual ele gostaria de seguir. Sobre os motivos que o levaram a trancar o curso atual (Biologia), o entrevistado aponta que não se identificou com parte da grade curricular do curso, onde teria que estudar botânica e matérias que não têm relação com seu interesse profissional. O examinando demonstra não importar-se com a reação da família.

7 A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL DO FUTURO INGRESSANTE UNIVERSITÁRIO

Spaccaquerche e Fortim (2009) ressaltam que é fundamental que a OP seja baseada no sigilo, na privacidade e no respeito pelo ser humano, onde nesse serviço deverá ser ofertada uma escuta clínica atenta. Então, é necessário que o livre-arbítrio do sujeito seja respeitado, uma vez que o orientador será um facilitador nesse processo decisivo, cuja escolha final é feita pelo adolescente, devendo ele também estar ciente da importância de se responsabilizar por suas escolhas.

De acordo com Machado e Proença (apud GUZZO, 2007), a atuação da psicologia vêm se constituindo, no decorrer de décadas no Brasil, em profissionais que recebem os encaminhamentos de crianças portadoras de problemas, bem como orientá-las em sua escolha profissional. Várias formas de atendimento caracterizam a atuação psicológica, mas basicamente a queixa escolar é entendida como uma dificuldade, é atribuída a déficits cognitivo e/ou intelectuais e emocionais.

O redimensionamento das práticas do psicólogo, na orientação profissional, passa, então, pela revisão e re-atualização do campo teórico-conceitual, de modo que a teoria psicológica possa se traduzir de fato, em ações, atitudes e habilidades que possibilitem o exercício de uma atuação profissional transformadora da realidade educacional, da escolha profissional do estudante e das relações sociais, fornecendo-lhe os argumentos, as reflexões e as explicações teórico-metodológicas (e não corporativas) que lhes dão sustentação (GUZZO, 2007).

O termo "maturidade profissional", foi colocada por Super (apud NEIVA, 2014) no ano de 1955, trata-se de um conjunto de comportamentos e a atitudes que um indivíduo deve iniciar, visando sua colocação no mundo profissional. O modelo de maturidade para

a escolha profissional, reconhece que para chegar à maturidade da escolha de uma profissão, é preciso desenvolver atitudes e conquistar determinados conhecimentos.

Segundo Almeida (apud GUZZO, 2007), algumas investigações realizadas no cotidiano das instituições de ensino, sobre a prática do psicólogo, têm apontado, ao longo dos anos, que a psicometria, a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem são as áreas da psicologia que mais influenciam as práticas educativas sendo, também, com raras exceções, o suporte teórico-metodológico dos psicólogos que atuam na no ambiente educativo.

Já de acordo com Amorim (2007), a ressignificação da atuação profissional passa, portanto, pela apropriação de referenciais teóricos que levem em consideração os processos interativos, conscientes e inconscientes, constitutivos dos sujeitos em processo de ensino, de desenvolvimento e de aprendizagem, em perspectiva psicodinâmica e sócio-histórica, cujo foco não é o indivíduo, mas os sujeitos em relação (AMORIM, 2007).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como alunos de psicologia, que vivenciamos uma experiência de suma importância que foi a primeira entrevista e as aplicações de teste como acadêmicos, fica claro que realmente estamos no curso certo, pois as nossas escolhas foram feitas por nós mesmos e não por motivação de terceiros, porque é algo pessoal nosso e não por que alguém planejou e disse você tem que fazer curso tal, não havendo influência de pais, amigos, escolas e sociedade, mas sim uma escolha própria sem participação de outras pessoas.

Portanto, fica evidente que a escolha da orientação profissional deve ser feita pelo jovem e não pela escolha que a sua família quer e os amigos, nem pela imposição da sociedade; mais sim pelo que o jovem se identifica e gosta de fazer e não por obrigação dos pais ou de terceiros.

No momento propício da escolha profissional fica mais que evidente que qualquer pessoa deseja se realizar naquilo que irá fazer, no entanto na adolescência as escolhas ou ainda as suposições sobre elas se tornam fora da realidade deles. Assim, concluímos que ao darmos importância à orientação profissional é algo fundamental na vida do indivíduo, não por ser aquilo que ajuda o jovem a refletir, porém a compreender sobre a responsabilidade daquilo que vai escolher.

A busca da escolha profissional é de tamanha relevância no contexto educativo que reflete em diversos fatores na vida acadêmica e profissional do universitário que está se preparando de forma específica para o mercado de trabalho, mercado esse competitivo que para tanto cobra desse público o que aprendeu durante seu processo de formação e para esse fator tornar-se um elemento promissor na vida dos universitários se faz necessário identificar qual a melhor escolha profissional para uma carreira que almeja se destacar, sem que tenha frustração ou perca o tempo dedicado a essa determinada fase importante de sua vida e desenvolvimento profissional.

Dessa forma, é importante que o jovem que queira ingressar na universidade passe pelo processo de orientação profissional, pois esse procedimento facilitará seu

processo de escolha, sem haver muita frustração, aproveitando ao máximo das suas habilidades no contexto universitário.

Para chegar ao resultado que é a escolha do curso adequado ao seu conhecimento, habilidade e atitudes é preciso passar pelas etapas que sucedem o OP e que o psicólogo é o único e principal profissional competente para esse determinado procedimento, que na existência de outro profissional será enquadramento antiético, havendo possibilidade de punição ou penalidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Dalmo de Souza. **Modelos interdisciplinares e multiprofissionais: a questão da interdisciplinariedade na saúde**. Ribeirão Preto: Holos, 2007.

BARRETO, Maria Auxiliadora; AIELLO-VAISBERG, Tania. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1 p. 107-114, jan.-abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/psoc/v19n1/a15v19n1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

BASSO, C. **Escolha profissional: estudantes universitários em crise durante as fases intermediárias da formação acadêmica**. 2008, 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: instserop.wordpress.com. Acesso em: 13 fev. 2019.

BOCK, A. M. B. A escolha profissional em questão. In: **Psicologias**, 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOCK, A.M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. edição reformulada e ampliada, 1999, 3ª tiragem. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 296-307.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: uma estratégia clínica**. 12. ed. São Paulo: Martin Claret, 2007.

CASTANHO, G. M. P. **O adolescente e a escolha da profissão**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, ago. 2005.

FOLMER-JOHNSON, M. C. **Projeto pessoal de vida & trabalho: a orientação profissional na perspectiva de orientadores e orientandos.** 2000, 130f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2000. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1215/1/pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

GUZZO, Raquel Souza Lobo (Org.). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje.** Campinas, SP: Alínea, 2007.

MARQUES, F. M. **Os sentidos que os estudantes do primeiro ano do curso de Administração de Empresas da PUC-SP atribuem ao seu projeto de futuro profissional.** 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

NEIVA, K. M. C. **Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP):** livro de instruções. 2 ed. São Paulo: Vetor, 2014. (Coleção EMEP; v. 1).

NORONHA, Ana Paula Porto *et al.* **Sobre o ensino de avaliação psicológica.** 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100015. Acesso em: 9 mar. 2019.

NORONHA, Ana Paula Porto; REPPOLD, Caroline Tozzi. Considerações sobre a avaliação psicológica no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000500009. Acesso em: 9 mar. 2019.

NUNES, Maiana Farias de Oliveira *et al.* Diretrizes para o ensino de avaliação psicológica. **Avaliação psicológica**, 2012. Disponível em: http://www.ibapnet.org.br/docs/ensino_de_avaliacao_psicologica.pdf. Acesso em: 9 mar. 2019.

OLIVEIRA, Jorge França de (Org.). Ética e técnica na formação do psicólogo. 2007. Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia clínica, 11. **Anais...** Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20080326170925.pdf. Acesso em: 3 maio 2016.

PINTO, Telma Mranhão Gomes; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitário. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 395-413, jul.-set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n3/10.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2019.

SPACCAQUERCHE, M. E.; FORTIM, I. **Orientação profissional passo a passo.** São Paulo: Paulus, 2009.

SPARTA, M. O Desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Porto Alegre/RS, v. 4, n. 2, p. 1-11, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbo.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2019.

SPARTA, M.; BARDAGI, M. P.; TEIXEIRA, M. A. P. Modelos e instrumentos de avaliação em orientação profissional: perspectiva histórica e situação no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Porto Alegre/RS, v. 7, n. 2, p. 19-32, dez. 2006. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scrip. Acesso em: 2 fev. 2019.

ZACHARIAS, J. J. M. **QUATI**: Questionário de Avaliação tipológica (versão II): manual. 5. ed. ver. e ampl. São Paulo: Vetor, 2003.

Data do recebimento: 10 de setembro de 2019

Data da avaliação: 23 de novembro de 2019

Data de aceite: 12 de dezembro de 2019

1 Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: liranisouza@hotmail.com

2 Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: may__crys@hotmail.com

3 Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: hedwemsf@gmail.com

4 Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. Graduação em Psicologia pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió. Pós-graduação em Saúde Mental pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL e Mestrado em Linguística pela UFAL. E-mail: sandra.peixoto@gmail.com